

O BRASIL DE WEECH E BÖSCHE EM SEUS RELATOS DE VIAGEM

THE BRAZIL OF WEECH AND BÖSCHE
IN THEIR TRAVEL REPORTS

Marcos Antônio Witt

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Professor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo/Brasil).

E-mail: mawitt@unisinos.br

Recebido em: 10 de setembro de 2020

Aprovado em: 18 de novembro de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 1 | p. 05-23 | jan./abr. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2399>

RESUMO

O presente texto tem como objetivo comparar as obras “A agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil”, de Friedrich von Weech, e “Quadros alternados”, de Eduard Theodor Bösche, publicadas originalmente em 1828 e 1836, na Alemanha, pela Editora Hoffmann und Campe, de Hamburgo. Ambos os livros foram reeditados em 2017 e 2014, respectivamente, pelas Editoras Unisinos e Oikos, do Brasil, com edição revista e ampliada. Em termos metodológicos, o uso da História Comparada permitiu que se aprofundasse a análise sobre a construção da imagem do Brasil e o quanto os relatos de viagem influenciaram na decisão de emigrar para a América, especialmente para o Brasil. Os resultados alcançados demonstram que as editoras e os leitores alemães estavam ávidos por este tipo de literatura, veiculado na forma de livros e/ou de fascículos encartados nos jornais da Europa do Oitocentos. Deste modo, os escritos de Weech e Bösche circularam por diversos ambientes – lares, comércio, praças, departamentos públicos – construindo determinadas imagens sobre o Brasil. Assim, é possível analisá-los sob o prisma dos relatos de viagem.

Palavras-chave: Alemanha. Brasil. Eduard Theodor Bösche. Friedrich von Weech. Relatos de viagem.

ABSTRACT

This present text aims to compare the writings “The agriculture, the trade and the system of colonization in Brazil”, written by Friedrich von Weech, and “Alternate Pictures”, by Eduard Theodor Bösche, originally published in 1828 and 1836, in Germany, by the Hoffmann und Campe publishing house. Both books were reissued in 2017 and 2014, respectively, by Unisinos and Oikos publishing companies of Brazil, with revised and expanded edition. In methodological terms, the use of Compared History allowed a deeper analysis about the construction of the image of Brazil and of how much the travel reports influenced in the decision to immigrate to America, especially to Brazil. The results reached demonstrated that the publishing houses and the German readers were avid for this kind of literature, presented in the form of books and/or inserted booklets in European newspapers from the nineteenth century. In this way, it is possible to analyze them from the perspective of the travel reports.

Keywords: Germany. Brazil. Eduard Theodor Bösche. Friedrich von Weech. Travel reports.

1 PALAVRAS INICIAIS

Escrevi este livro movido pelo desejo de ser útil aos meus conterrâneos dispostos a emigrar e de dar-lhes meios para seu desenvolvimento em terra estranha, e não para multiplicar a numerosa quantidade de descrições sobre o Brasil.

Friedrich von Weech

Vou tentar uma descrição em traços geraes da grande capital deste immenso paiz, que todavia poderá somente ser considerada como uma pallida representação da realidade.

Eduard Theodor Bösche

Não tenho aqui a intenção de narrar a minha vida e as aventuras a mim ocorridas durante uma residencia de nove annos na America do Sul. Farei dellas, por falta de espaço, unicamente um resumo.

Eduard Theodor Bösche¹

Friedrich von Weech permaneceu quatro anos no Brasil, de 1823 a 1827². No ano seguinte, já na Alemanha³, publicou o livro que reúne suas vivências em terras brasílicas pela editora Hoffmann und Campe, de Hamburgo. Escrito no idioma alemão, esteve distante da grande maioria dos leitores brasileiros até a sua publicação em língua portuguesa, em 1992, pela Editora Martins Fontes, de São Paulo. Débora Bendocchi Alves, brasileira vinculada à Universidade de Colônia, Alemanha, traduziu e organizou a obra.

¹ Em 2017 e 2014, por iniciativa de pesquisadores vinculados à Universidade de Colônia, Alemanha, à Universidade Federal de Santa Catarina e à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ambas no Brasil, os escritos de Weech e Bösche foram relançados no mercado editorial. Para maiores detalhes, ver: ALVES, Débora Bendocchi, KLUG, João e WITT, Marcos Antônio (dir.), *Friedrich von Weech: a agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil*, 2. edição revista e ampliada, São Leopoldo, UNISINOS, Oikos, 2017, p. 51; MARTINS, Maria Cristina Bohn, WITT, Marcos Antônio e MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (dir.), *Quadros alternados de E. T. Bösche: imigrantes e soldados no Rio de Janeiro – 1825-1834*, São Leopoldo, UNISINOS, Oikos, 2014, p. 205; 231.

² A produção do presente texto está vinculada ao projeto de pesquisa “Imigrantes em ação: organização social e participação política. Estudo comparado sobre a imigração no Brasil, Argentina e Chile – séculos XIX e XX”, desenvolvido e finalizado junto ao Centro de Estudos Internacionais de História das Mobilidades, Diásporas e Migrações – CEMIDI, do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. É importante salientar que o texto está dividido em subcapítulos: Palavras iniciais, Literatura de viagem, Guia informativo, O Brasil de Weech e Bösche, Relato pessoal e Palavras finais. Esta divisão tem por objetivo organizar o texto de tal forma que as temáticas estejam distribuídas e agrupadas nos subcapítulos afins. Contudo, por vezes, alguns temas são suscetíveis à realocação, pois o seu conteúdo diz respeito a vários aspectos das trajetórias de Weech e Bösche.

³ Os termos “alemã” e “alemão”, em suas variadas formas, referem-se aos indivíduos de línguas germânicas que habitavam pequenas e médias aldeias e/ou cidades que, em 1871, iriam compor o Estado alemão. Além disso, populações de língua germânica que vieram à América habitavam outros territórios que extrapolavam o limite das fronteiras que formariam a Alemanha.

Eduard Theodor Bösche, por sua vez, se radicou por mais tempo no Brasil, totalizando nove anos, de 1825 a 1834⁴. Dois anos depois, em solo alemão, publicou pela mesma editora contratada por Weech o livro que contempla suas experiências no Brasil. Veiculado igualmente no idioma alemão, fez-se presente ao público leitor brasileiro somente em 1919, na Revista do Instituto Histórico Brasileiro (separata do tomo 83), cuja tradução foi assinada pelo intelectual brasileiro Vicente de Souza Queirós. Dez anos depois, em 1929, as memórias de Bösche foram lançadas na forma de livro através da Casa Garraux, de São Paulo.

Como emigrantes, Weech e Bösche escolheram parte da América para desenvolver projetos pessoais e/ou profissionais que, naquele momento, estavam inviabilizados na pátria de origem. Não obstante a condição primeira de emigrantes, assumiram papéis diferentes quando colocaram em prática o plano emigratório. O primeiro, empreendedor, veio ao Brasil para fundar uma Colônia agrícola; o segundo, soldado, deixou-se seduzir pela publicidade de Schäffer⁵ e foi incorporado às tropas brasileiras da época. Com perfil que os distingue e os insere em papéis diferentes no cenário econômico, social e bélico do Sul da América, os dois investigados estão em sintonia quanto à escrita de suas memórias após a permanência no Brasil na segunda e terceira décadas do Oitocentos: “depois de concluir sua passagem pelo Novo Mundo, [os viajantes] se apressavam em publicar suas vivências e experiências sob forma de livro”. (FREITAG *apud* SALLAS, 2013, p. 9).

Weech, de acordo com Débora Bendocchi Alves, “nasceu em Munique em 1794, de família nobre e, apesar de ter-se tornado oficial, estudou também agronomia [...] chegou ao Rio de Janeiro em 1823 depois de uma viagem via Holanda, Inglaterra e Portugal” (*apud* ALVES; KLUG; WITT, 2017, p. 42), com mais ou menos 29 anos. Bösche, por seu turno, era de Hanover e bem mais jovem que Weech quando empreendeu a viagem ao Brasil: “completara eu justamente dezessete anos quando também o ardor da mocidade me impeliu a conhecer o vasto mundo de aventuras perigosas [...]” (BÖSCHE *apud* MARTINS; WITT; MOREIRA, 2014, p. 78). Ao se perceber a diferença de idade entre ambos, formulou-se a hipótese

⁴ Um pouco antes de Weech e Bösche, outros viajantes europeus estiveram no Brasil: de 1815 a 1817, Maximilian Alexander Philip von Wied-Neuwied; de 1817 a 1820, Karl Friedrich Philip von Martius; de 1822 a 1825, Johann Moritz Rugendas. Todos tiveram a cidade do Rio de Janeiro como base para suas viagens interioranas. Dos três, somente Rugendas pode ter estabelecido contato físico com Weech e Bösche.

⁵ Georg Anton von Schäffer recrutou militares e colonos alemães para o Brasil. Nomeado “agente de negócios públicos” pelo imperador D. Pedro I, foi enviado à Europa, em agosto de 1822, com instruções de contratar trabalhadores agrícolas e soldados para o futuro império brasileiro.

de que experiência e maturidade colaboraram para a confecção de obras cujos objetivos se distanciam, mas, em grande medida, também se aproximam ao apresentar o Brasil para leitores europeus⁶.

2 LITERATURA DE VIAGEM

De acordo com Gerson Roberto Neumann, os livros escritos por Weech e Bösche podem ser classificados como literatura de viagem uma vez que “têm o espaço como um de seus aspectos principais, já que trata de viagem, de mudança de espaço, de movimento, de sair de um lugar e chegar a outro”. (*apud* MARTINS; WITT; MOREIRA, 2014, p. 7 - 8). De fato, quando decidiram emigrar, os dois autores analisados percorreram espaços interioranos da Alemanha, chegaram ao litoral da Europa de onde partiriam, atravessaram o Atlântico, fixaram-se na cidade do Rio de Janeiro e, dali, viajaram para outras regiões do Brasil. Desse modo, os deslocamentos internacional, nacional e mesmo regional foram imprescindíveis para a coleta de informações que dariam subsídio à posterior escrita e publicação dos livros. Os seus relatos de viagem, portanto, permitem que o pesquisador se aproprie de determinada realidade cristalizada a partir das suas anotações. Porém, de acordo com Eliane Cristina Deckmann Fleck,

a literatura de viagem constitui-se numa das principais fontes para a historiografia, sendo também amplamente utilizada em trabalhos de literatura, sociologia e antropologia. Deve-se, sempre, considerar que as descrições e informações constantes nesses relatos constituem, na verdade, representações, reinvenções da realidade, produzidas com base nas visões de mundo dos viajantes que incidem sobre a feitura e sobre a transformação historiográfica de uma memória (*apud* CAMARGO; GUTFREIND; REICHEL, 2006, p. 273).

Fleck, ao refletir sobre o uso destes relatos como fonte histórica, chama a atenção para o perigo de se tomar o escrito como verdade, isto é, dar crédito às narrativas sem criticá-las, sem analisá-las, sem contextualizá-las. Mediante essas observações, a literatura de viagem produzida por Weech e Bösche é posta à prova ao ser interpretada como versão e não como verdade. Afora isso, o material publicado poderia ser diferente dos rascunhos entregues aos editores, uma vez que havia a preocupação de se

⁶ Weech e Bösche, nos livros analisados, não fornecem dados biográficos mais substanciais. As informações sobre as suas vidas pessoal e familiar são praticamente inexistentes, sendo preciso pinçá-las no decorrer dos textos. Pesquisadores como Débora Bendocchi Alves e Gerson Roberto Neumann, especialistas na temática dos viajantes, também encontraram dificuldade em localizar maiores referências sobre eles.

agradar o público leitor. Ana Luisa Fayet Sallas constatou que gravadores europeus modificavam as gravuras dos pintores a fim de deixá-las mais ao gosto europeu. De acordo com Sallas,

esse material [desenhos originais e estudos elaborados por Wied-Neuwied e Rugendas] acabou sofrendo alterações por parte dos gravadores europeus com vista a satisfazer o gosto de seu público, idealizando a imagem dos índios, para expressar que beleza e bondade caminhavam juntas. Os materiais originais fornecem elementos significativos para a análise, pois podem ser confrontados com o que fora publicado, evidenciando as alterações e transformações realizadas pelos gravadores (2013, p. 18).

A partir das observações de Sallas, é lícito pensar que os relatos passassem pelos mesmos aprimoramentos. Inicialmente rascunhos, submeteram-se à reescrita, correção, aperfeiçoamento, edição e, finalmente, publicação. Muitos, imediatamente ou anos depois, foram traduzidos⁷ para outros idiomas. Franz Obermeier (2018, p. 213-227), ao analisar as adaptações da obra de Johann von Spix e Carl von Martius para leitores juvenis no século XIX, ratifica a hipótese de que textos e imagens passavam por alterações e adaptações quando chegavam às mãos dos editores europeus.

Desse modo, o Brasil narrado por Weech e Bösche é um espaço captado pelas suas lentes de estrangeiro e concretizado através de palavras publicadas meses depois do regresso à Alemanha. No que tange ao retorno, segundo Neumann, é graças a este movimento – o retorno – que “temos hoje acesso às suas anotações publicadas depois de sua volta. Na literatura de viagem, o retorno significa um fechamento. Fecha-se o círculo da viagem e da narrativa” (*apud* ALVES; KLUG; WITT, 2017, p. 8). Com isso, pode-se afirmar que a narrativa sobre o Brasil é composta de, no mínimo, três tempos: o das vivências em solo estrangeiro (o Brasil, neste caso), o da viagem do retorno e as experiências já na pátria de origem, após o regresso.

Esses três tempos, combinados, criam um corpo discursivo fundamental para seduzir e convencer o leitor de que o Brasil é realmente aquele espaço descrito em cada página dos livros de Weech e Bösche. Para o empreendedor, o Brasil é lugar promissor, novo, onde é possível recomeçar a vida; para o soldado decepcionado, ao contrário, resta veicular a imagem de um Brasil pouco acolhedor no que se refere, sobretudo, aos estrangeiros. Embora parcial, o estudo da trajetória dos autores analisados ratifica a ideia de que o Brasil narrado não é exatamente o Brasil desejado e experienciado por Weech e Bösche. Assim sendo, a literatura de viagem, como gênero discursivo, está impregnada destes elementos: da vida

⁷ A presente pesquisa se valeu das obras traduzidas de Weech e Bösche. Tem-se ciência de que os originais e as traduções se distinguem pela interferência do tradutor. Ou seja, já não são mais a mesma obra.

pessoal do autor, das suas experiências em determinado local e da ideia criada sobre o espaço que se quer noticiar. Sallas, ao analisar a bagagem que o viajante traz consigo, afirma que:

A imagem do viajante em terras desconhecidas evoca a figura do herói intrépido, que faz parte do imaginário romântico. No entanto, o viajante é esclarecido, pois sua viagem está ligada a uma missão organizada e comandada por um príncipe, uma companhia comercial ou uma instituição científica, de acordo com objetivos bem definidos. A bagagem que o viajante leva consigo não é somente seu equipamento e instrumentos, mas é, sobretudo, uma bagagem cultural, com questões, projetos, anseios, que expressam seu sistema de pensamento e representação do mundo (2013, p. 30).

Enfim, dissociar todos estes elementos – local de origem e de chegada, experiências pré, durante e pós-viagem – seria empalidecer a lupa que se manuseia quando os relatos de cientistas, intelectuais, pintores e outros viajantes são tomados como fonte histórica.

3 GUIA INFORMATIVO

Depois de ler e analisar as obras de Weech e Bösche, constata-se que ambas podem ser entendidas como um tipo de guia informativo. Produzidas em 1828 e 1836, respectivamente, com o intervalo de oito anos entre as publicações, trazem informações sobre a intensa vida política brasileira das décadas de vinte e trinta. Com objetivos distintos, os autores registraram os primeiros anos do jovem império brasileiro, praticamente desde o seu nascimento à crise que levaria à abdicação de D. Pedro I. Nesse sentido, constituíram-se, conforme conceito de Peter Burke (2004), em testemunha ocular do/no incipiente império; na condição ímpar de conterrâneos e contemporâneos, foi-lhes permitido observar o cenário político em um *locus* privilegiado, isto é, a própria capital do império, a cidade do Rio de Janeiro⁸.

No que se refere a Weech, o autor dá pistas sobre os motivos que o levaram a publicar o livro em 1828. De acordo com a epígrafe do presente texto, Weech escreveu “movido pelo desejo de ser útil aos” seus “conterrâneos dispostos a emigrar”. Deduz-se, a partir das palavras do próprio autor, que havia um objetivo, um senso de utilidade ao escrever o seu livro. Da mesma forma, era dirigido a público

⁸ Em outros textos, percebeu-se de igual modo como os relatos dos viajantes Isabelle, Saint-Hilaire e Seidler trazem informações sobre política e seus desdobramentos. WITT, Marcos Antônio, “Emigración y colonización en América del sur. La provincia brasileña de Rio Grande do Sul, la República Oriental del Uruguay y la Cuenca del Plata en las consideraciones de Arsène Isabelle”, in REGUERA, Andrea; FLECK, Eliane Cristina Deckmann (dir.), *Variaciones en la comparación: procesos, instituciones y memorias en la historia de Brasil, Uruguay y Argentina, s. XVIII-XXI*, Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2014, p. 143-175; WITT, Marcos Antônio, “Metamorfose paisagística: o visto e o não visto nos relatos de Saint-Hilaire e de Seidler (Rio Grande do Sul – século XIX)”, *Confluenze*. vol. 4, n. 1, 2012, p. 92-101.

específico. Ao se dirigir aos emigrantes alemães, preocupou-se em compartilhar o que sabia, o que havia aprendido sobre a economia e a sociedade brasileira. Seu grande objetivo foi o de “dar-lhes meios para seu desenvolvimento em terra estranha”. Ao longo de quatro anos, Weech conheceu essa “terra estranha” e percebeu que o conhecimento prévio poderia ser de grande auxílio para os seus conterrâneos dispostos a emigrar. Afora isso, Weech manifestou preocupação ao expressar o desejo de que a obra não se resumisse a mais uma descrição sobre o Brasil. Segundo ele, já haveria “numerosa quantidade” desse modelo de texto acerca do Brasil na Alemanha.

Assim, o livro de Weech constituiu-se em guia informativo para os alemães que desejavam emigrar para o Brasil. Dividido em quatro “livros”, o autor apresentou a cidade do Rio de Janeiro e suas potencialidades (Livro I); as profissões e o trabalho (Livro II), a terra, o cultivo e a mão de obra (Livro III), a pecuária e o destino das Colônias instaladas no Brasil (Livro IV). Pragmático, visava ao desenvolvimento e à prosperidade dos emigrantes que se transformariam em imigrantes ao chegar ao Brasil. A partir de sua própria experiência, Weech parecia saber que essa metamorfose – a de “e” para “i” migrante – dava-se de modo paulatino, incerto e, por vezes, conflituoso. Dessa percepção nasceu a ideia de escrever um livro que orientasse seus conterrâneos no que se refere ao desenvolvimento econômico-social em terras brasileiras. Se não fez publicidade favorável, ao menos orientou os futuros colonos e/ou empreendedores quanto ao destino e às potencialidades do Brasil.

Bösche, ao contrário, preencheu páginas e páginas de considerações na maioria das vezes desfavoráveis ao Brasil. No início, como quase todos os emigrantes, viu-se tomado pela febre que contagiou indivíduos e famílias e os impeliu em direção à América. Todavia, o autor menciona já no Capítulo II que, ao chegar a Hamburgo, “uma moça instruída” suplicou para que abandonasse o projeto de emigrar para o Brasil. Ao dar pouca atenção às observações de sua interlocutora, Bösche passou pela mesma etapa de metamorfose, a de “e” para “i” migrante.

Diferentemente de Weech, que veio ao Brasil com a intenção de empreender, Bösche foi contratado como soldado, ainda na Alemanha, para integrar os batalhões imperiais do Brasil. Os poucos dados biográficos acerca do autor são insuficientes para detalhar sua vida educacional. Pelo livro que escreveu, é lícito pensar que tenha tido alguma instrução⁹, uma vez que demonstra facilidade em descrever o cenário brasileiro oitocentista e impressiona pela incorporação e citação da mitologia e de clássicos da literatura internacional, sobretudo Schiller e Goethe. Os dois excertos da epígrafe que dizem respeito a Bösche

⁹ Em relação aos estudos, Bösche revelou: “Completára eu justamente dezessete annos... Era impossivel nesta época realizar na minha patria o meu grande desejo de estudar, e assim pensava poder substituir pela experiencia o que faltava sob o ponto de vista theorico” (BÖSCHE, 2014, p. 78).

comprovam que o soldado escritor tinha noções do alcance e limite de sua futura obra. Ao sentenciar que “vou tentar uma descrição em traços geraes da grande capital deste immenso paiz, que todavia poderá somente ser considerada como uma pallida representação da realidade”, Bösche parece dizer ao leitor que as muitas palavras gravadas no papel não traduzem a realidade vivenciada no Brasil. Trata-se de uma “pallida representação da realidade”, isto é, Bösche parece saber da impossibilidade de se captar o real; sem teorizar, aplica o conceito de representação a partir do adjetivo “pallida”. Não se trata de grande ou holística “representação da realidade”, mas de quase imperceptível representação.

Barbara Freitag, ao prefaciá-lo livro de Ana Luisa Fayet Sallas, faz uso das expressões “o verdadeiro Brasil” e “como os viajantes europeus viam o Brasil”. Mencionando-as, Freitag coloca em xeque as formas pelas quais se olhava o Brasil: tomando-se como verdade o que foi publicado ou interpretando o seu conteúdo ciente de que as cenas foram captadas e registradas por um estrangeiro que veio ao país não aleatoriamente. A discussão proposta por Freitag instiga a reflexão sobre a expressão “o verdadeiro Brasil”, que só existiria e ganharia contornos se o pesquisador ou o futuro leitor suprimissem a presença do viajante europeu nos respectivos relatos, ou seja, se esquecessem do autor e de suas intenções. (*apud* SALLAS, 2013, p.8).

O segundo excerto da epígrafe que remete a Bösche está diretamente ligado à discussão dos parágrafos anteriores. Bösche, ao reconhecer que “não tenho aqui a intenção de narrar a minha vida e as aventuras a mim ocorridas durante uma residencia de nove annos na America do Sul. Farei dellas, por falta de espaço, unicamente um resumo”, aborda a questão do tempo. De acordo com o autor, seria impossível “narrar a minha vida e as aventuras” experienciadas ao longo de nove anos. Bösche tem noção da cronologia; ele sabe da dificuldade em selecionar e colocar em palavras milhares de situações vividas em solo brasileiro. Por isso, faz uso da palavra “resumo” para alertar o leitor de que o escrito não é o total nem o real, mas, sim, uma “pallida representação” do que viveu no Brasil. Talvez, o uso da palavra “resumo” também queira evidenciar o desejo do autor de não ser cobrado pelas ausências, pelas lacunas. É bastante provável que pessoas, lugares e ocorrências tenham sido deixados de lado, pois o autor se confrontou com a difícil tarefa de selecionar o que poderia ser eternizado nas páginas do seu livro. De igual modo, o tempo transcorrido entre o retorno à Alemanha, 1834, e a publicação, 1836, quiçá colaborou para que esquecimentos e lacunas tenham operado na hora da recuperação dos dados e da escrita. Tais inquietações encontram-se, igualmente, no livro de Sallas:

A rotina das viagens passa a ser objeto de reflexão, à medida que pode esclarecer quais eram os programas e objetivos dessas expedições. Como eram definidos os objetos dignos de serem observados e como evoluíram os critérios daquilo que merecia ser descrito? O que proporciona legitimidade ao saber dos viajantes: uma descrição, um desenho, uma coleção, uma planta classificada [...]? (2013, p.30).

Crítico e muitas vezes debochado, Bösche despreocupou-se ao descrever o Brasil. Do imperador aos soldados, dos homens simples aos religiosos, todos foram alvo de suas considerações críticas, debochadas e mesmo ácidas. Quando publicadas na Alemanha, por certo deixaram de contribuir para o engajamento de emigrantes. Lidas, desenharam um Brasil menos atrativo para os leitores. Se Weech buscou orientar os alemães quanto às potencialidades do Brasil, Bösche, mesmo indiretamente, alertou os seus conterrâneos quanto aos perigos que espreitariam a vida dos emigrantes, futuros imigrantes. Ao escreverem, tornaram-se autores; ao veicularem suas ideias, assumiram o papel de publicitários a favor e contra a emigração para o Brasil.

Publicadas em um intervalo de oito anos, é possível que parte dos leitores e dos ouvintes¹⁰ alemães tenha tomado conhecimento das duas obras. Não cabe, no presente texto, discutir o alcance e o impacto das narrativas junto aos indivíduos e famílias emigrantes. O que se pode afirmar é que os livros de Weech e Bösche os orientaram de alguma forma. A literatura de viagem, no início do século XIX, havia se constituído em material vendável muito requisitado pelas editoras e seus leitores. Chama atenção, neste caso, que ambos os autores publicaram pela Editora Hoffmann und Campe, de Hamburgo, o que atesta o interesse da empresa pelos relatos de viagem. Isso também comprova de que havia público leitor ávido dessas narrativas que ainda apresentavam novidades sobre o Novo Mundo. Mesmo que séculos tenham se passado desde a Conquista e/ou Descobrimento, os desdobramentos do contato rendiam páginas e páginas de impressos distribuídos em parte do mundo oitocentista. Afora isso, havia a fauna, a flora, o clima, o relevo, bem como o idílico e o fabuloso, que continuavam a impulsionar pesquisadores de diversas áreas para a América.

4 O BRASIL DE WEECH E BÖSCHE

O Brasil de Weech e Bösche é um só do ponto de vista territorial, sendo explorado por ambos praticamente no mesmo período. Sediados na cidade do Rio de Janeiro, os dois a descreveram destacando suas belezas e o impacto que isso causou nos viajantes. Weech assim descreveu este primeiro contato:

¹⁰ Os leitores liam e discutiam os escritos – enciclopédias, jornais, livros, revistas – em reuniões formais e informais. Junto às famílias, ou em saraus organizados, propagavam as ideias defendidas por articulistas e outros autores. Ouvintes, na condição de não leitores, ouviam, discutiam e igualmente difundiam o resultado destas reuniões. Robert Darnton (2012; 2014) analisou romances e poesias que visavam desestabilizar a monarquia francesa de Luís XVI e Maria Antonieta, os quais eram impressos e lidos por letrados. No entanto, leitura em voz alta na forma de saraus, declamação nas esquinas de Paris – no caso das poesias –, e impressão parcial dessas histórias em panfletos e jornais populares possibilitaram que boa parte da população francesa tivesse acesso a tais histórias. Assim, conclui-se que letrados e não letrados, cultura erudita e cultura popular, conectavam-se quando o assunto em pauta dizia respeito à emigração.

Na entrada da baía do Rio de Janeiro, o recém-chegado, em cuja alma só arde uma faísca de sentimento para as belezas da natureza, compartilha certamente das emoções que nos foi dado conhecer através das descrições entusiásticas dos viajantes. Jamais a pena do poeta ou o pincel do artista reproduzirão os multiformes e esplêndidos panoramas – que ao mesmo tempo surpreendem e encantam os olhos do admirado estrangeiro –, tal como a natureza os desdobra diante de seus olhos. O exagero é aqui impossível, e nada se fica a dever à fantasia (*apud* ALVES; KLUG; WITT, 2017, p. 58).

Bösche compartilha do mesmo entusiasmo ao se deparar com a capital do império:

No dia 22 de Abril antes de levantar do sol entramos no porto do Rio de Janeiro. Não ha pincel capaz de pintar a magnificencia desta natureza grandiosa. Á entrada, entre os fortes de Santa Cruz e Praia Vermelha, ao pé do Pão de Assucar, abre-se o grande amphitheatro deante de nossos olhos, isto é o porto, que é rodeado por montanhas e sôbre cujas aguas se balouçam milhares de navios, á esquerda a grande cidade com os seus edificios brancos e massiços e as suas numerosas egrejas e mosteiros ornando os cumes dos morros. (*apud* MARTINS; WITT; MOREIRA, 2014, p. 97-98).

Percebe-se que a natureza causava abalo e comoção nos viajantes quando se aproximavam da costa brasileira. A descrição de Weech e Bösche é semelhante no que toca à beleza das águas, da praia, das montanhas, da vegetação e das primeiras edificações da cidade. Contudo, ambos fazem uso de linguagem metafórica para destacarem o encantamento proporcionado pela natureza: “Jamais a pena do poeta ou o pincel do artista reproduzirão os multiformes e esplêndidos panoramas” e “Não ha pincel capaz de pintar a magnificencia desta natureza grandiosa”. A licença poética dos autores reforça a ideia de que os relatos de viagem circulavam não somente entre os leitores, mas, também, entre os próprios viajantes. Afora isso, havia procedimentos comuns na arte de narrar e esta certa unidade fazia com que os relatos fossem classificados como um gênero literário. Porém, mesmo que se constatem analogias na descrição do Rio de Janeiro, ainda não é possível afirmar que Weech e Bösche tenham se influenciado mediante à leitura recíproca de suas obras.

Dando prosseguimento à leitura e à análise das narrativas construídas pelos autores, verifica-se que se distanciaram da descrição da beleza e cederam lugar a observações mais realísticas da cidade. Conforme as observações de Weech,

o espetáculo de incontáveis negros e homens de todas as cores, os diversos idiomas e trajes de marinheiros de nações longínquas, os gritos deveras canibalescos dos negros, incapazes de executar qualquer tipo de trabalho, o escandaloso quadro de seu castigo corporal, o imponente rangido do lento carro de boi, a falta de limpeza e alguns objetos novos a seus olhos lembram intensamente o estrangeiro de que ele se encontra muito

distante de sua pátria. [...] Não se deve esperar dessas hospedarias nem o luxo europeu, nem o conforto refinado que marcam as nossas; pelo contrário, deve-se estar preparado para muitas privações, às quais aliás já se estará acostumado desde a viagem marítima (*apud* ALVES; KLUG; WITT, 2017, p. 59-60).

Bösche passou por processo idêntico ao do seu conterrâneo e registrou o dia a dia da capital, abordando múltiplos aspectos do cotidiano. De acordo com o autor,

quasi todas as ruas têm de ambos os lados calçadas para os transeuntes; nos pavimentos terreos todavia não existem janellas em parte alguma, sendo substituidas por venezianas de madeira, dando esta disposição á cidade um aspecto pouco risonho. A cidade do Rio não tem portas, espreado-se por larga extensão num vasto territorio e parecendo infinita. [...] Estas praças poderão ser embellezadas mediante pequenas despesas e transformadas em verdadeiros enfeites da cidade. Converteram-nas todavia em deposito de lixo e de immundicies de toda especie, sendo ellas verdadeiras cloacas em lugar de ornamentos da capital brasileira. [...] Para qualquer lugar que se dirija sollicitam a sua atenção aspectos novos da vida e objectos differentes. Os tiros de canhão, os navios que entram e saem: o canto original, incessante e ouvido ao longe dos negros carregando grandes fardos, o badalar continuo dos sinos que não tocam solennemente, martelando os ouvidos ininterruptamente e produzindo uma musica infernal capaz de rebentar o tympano de um pobre mortal; os fogos de artificio, as salvas de artilharia em dia claro, com as quaes se solennizam as absurdas e frequentes procissões e festas da Egreja, a mendicidade organizada pelo clero por meio de bandos com timbales e trombetas. [...] Isto tudo reunido produz um barulho horrivel, um concérto infernal [...] Residir por muito tempo no Rio de Janeiro, não obstante os seus encantadores arrabaldes, não é nada agradável. (*apud* MARTINS; WITT; MOREIRA, 2014, p. 205-207).

As palavras de Weech e Bösche denunciam encantamento e desencanto, admiração e frustração, fábula e realidade, apreendidas e vivenciadas nos poucos anos que passaram no Brasil. Se essas observações os aproximam, a sequência de seus textos os distancia na medida em que Weech se empenha em demonstrar as potencialidades do território e Bösche se mantém fiel à descrição quase sempre pejorativa sobre o Rio de Janeiro e outras partes do Brasil. As citações retiradas dos seus textos se configuram como exemplo das narrativas construídas pelos dois autores. Longe de se esgotar a análise do conteúdo dos livros de Weech e Bösche, o presente subcapítulo buscou expor, dando visibilidade a algumas citações, como os viajantes viram e relataram o cotidiano brasileiro do início do século XIX.

5 RELATO PESSOAL

Conterrâneos e contemporâneos, Weech e Bösche poderiam ter se encontrado em bares, casas, comércios, hotéis, praças, prédios públicos e ruas do Rio de Janeiro oitocentista, pois, de 1825 a 1827, ambos estiveram na capital do império. Nesses dois anos, Weech deve ter ouvido algo sobre os batalhões estrangeiros contratados por D. Pedro I; de igual modo, Bösche demonstrou ter conhecimento das Colônias formadas por alemães e suíços e dos projetos que visavam à continuidade da imigração. Como tema e projeto governamental, tratava-se de projetos que tinham como pauta principal a importação de agricultores, artesãos e soldados para desenvolver e defender o Brasil. Relevantes, estavam presentes nos jornais, nos debates parlamentares, nos ambientes públicos e privados da capital. Todavia, sem acessar a correspondência particular dos autores, e sem investigar os jornais veiculados na Alemanha e no Brasil, é praticamente impossível saber se estabeleceram diálogo. Em suas obras, não há menção sobre um único encontro entre eles.

Por outro lado, a literatura¹¹ que versa sobre as últimas décadas do período colonial brasileiro analisou o ingresso e a presença de inúmeros artistas e/ou intelectuais que, desde a chegada da corte portuguesa, tomaram o Brasil como laboratório de estudo¹². A capital, como cidade referência, abrigou a todos e proporcionou momentos de encontro e diálogo nos diversos ambientes citadinos. Esta atmosfera cultural moveu botânicos, escritores e pintores a retratar o Brasil a partir de suas coletas e obras. Neste sentido, as narrativas de Weech e Bösche encontram-se dentro deste contexto de (re)descoberta do Brasil, uma vez que suas obras foram pautadas pela observação e destinadas a público leitor estrangeiro. Para Sallas, é possível identificar os viajantes, uma vez que

toda forma de conhecimento é precedida de alguns gestos que irão marcar os modos de apreensão dos objetos. Isso ocorre no processo de construção do saber dos viajantes, cujas práticas e representações estavam impregnadas de ideias que regulavam os seus gestos, orientavam o seu olhar, sua maneira de escrever, de narrar, de desenhar, enfim, de tornar "legível" a experiência da viagem. (2013, p. 31).

¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz, "Cultura", in COSTA E SILVA, Alberto da (dir.), *Crise colonial e independência: 1808-1830*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2011, p. 205-247.

¹² Além disso, a chegada da corte portuguesa, em 1808, marcou o início de grandes mudanças para as terras brasileiras. Até 1821, no plano cultural-científico, D. João VI criou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a Escola Cirúrgica, o Museu e a Biblioteca Real, A Imprensa Régia e a Gazeta do Rio de Janeiro, o Jardim Botânico (SCHWARCZ, op. cit., p. 205-247).

Se há ciência em seus livros, não há porque duvidar de que, em todas as páginas, os autores se revelam e deixam transparecer aspectos de sua vida pessoal. Esse aspecto é mais evidente em Bösche, cuja narrativa está centrada na própria existência e experiência do autor. Weech, ao contrário, infiltra-se na narrativa de forma mais discreta, mais imperceptível. O que se destaca, na sua obra, são as potencialidades do Brasil. Mas, mesmo com essas diferenças, percebem-se os autores integrados a sua narrativa; o que esperavam do Brasil e o que efetivamente viveram dá norte e sentido para a escrita. Essa conexão, para Bösche, iniciou antes da viagem: “minha imaginação já se ocupava, havia muito tempo, do Brasil, - deste paiz concebendo uma imagem brilhante e de cores muito favorecidas”. (*apud* MARTINS; WITT; MOREIRA, 2014, p.78). As palavras de Bösche comprovam que já havia intensa publicidade sobre a América em algumas regiões europeias. Textos e imagens publicitários criaram sonhos e desejos na mente do jovem alemão, os quais, segundo ele, desvaneceram ao longo da sua trajetória no Brasil.

Do ponto de vista pessoal e da trajetória dos autores, é no retorno à Alemanha que Weech e Bösche se transformam, de fato, em autores. Escrever e publicar se constituía em algo grandioso, pois o sucesso garantiria notoriedade e acesso a sociedades científico-culturais ainda não contatadas. José Augusto Pádua, ao analisar a trajetória de Carl von Martius no Brasil, constatou que intelectuais desse porte recebiam dupla vantagem – pessoal e profissional – ao escrever e publicar sobre a América:

[...] se tornar um dos grandes intérpretes do Brasil na Europa lhe foi altamente vantajoso em termos de *status* pessoal e profissional, servindo de ponte para atrair a atenção e a amizade de alguns dos luminares intelectuais da época. A atração então exercida pelo Brasil sobre os homens de ciências e instituições culturais da Europa não é difícil de entender. Ela fazia parte, em primeiro lugar, da curiosidade lançada sobre o conjunto da América pela enorme influência cultural de Alexander von Humboldt. Além disso, o caráter especialmente fechado do regime colonial na América portuguesa, que na prática dificultou a presença de naturalistas estrangeiros – tendo impedido a entrada do mesmo Humboldt em 1800 (ANDRÄ, 1962, p. 389) –, somado às notícias esparsas que chegavam na Europa sobre a grandeza e variedade do seu território, geraram a imagem algo mítica de um continente riquíssimo e praticamente inexplorado pelo melhor conhecimento científico. A partir de sua viagem, Martius tornou-se uma fonte confiável de conhecimentos sobre o Brasil que despertou a admiração de nomes como Goethe e o próprio Humboldt. (2018, p. 66).

O estudo minucioso da trajetória dos viajantes que pisaram o solo americano demonstra que havia diferenças entre eles. Alguns eram de quilate superior quando se observa a bagagem cultural, as instituições que os enviaram à América, a quantidade, a qualidade e o alcance de suas publicações. Mediante o exercício comparativo, percebe-se que Weech e Bösche se constituíram em estrelas menores

se colocados juntos à figura de Alexander von Humboldt ou Carl von Martius. Todavia, a comparação não tem por objetivo desqualificar ou diminuir o valor dos autores investigados; ao contrário, comparar significa destacar os aspectos selecionados para este exercício sem prejuízo para as partes examinadas. Com a veiculação de suas obras, é certo que Weech e Bösche saíram do anonimato intelectual e receberam os bônus concernentes as suas viagens e publicações. Tornaram-se, por consequência, homens públicos ao dialogar com desconhecidos que passaram a conhecê-los depois que os rascunhos receberam a chancela de livros.

PALAVRAS FINAIS

Metodologicamente, o presente texto se caracteriza como exercício comparativo. Partindo do princípio de que se compara o que é comparável, Weech e Bösche propiciam ambiente comparativo satisfatório a partir de suas trajetórias e da publicação dos seus livros. São homens, alemães, emigrantes, imigrantes, viajantes, autores e retornados¹³. Por outro lado, um é empreendedor e o outro, soldado. Um permanece quatro anos no Brasil, o outro, nove. Por fim, um publica em 1828, destacando as qualidades e potencialidades dessa porção do Novo Mundo, e o outro lança seus escritos em 1836, desqualificando o Brasil. O que os une, no âmbito da publicação, é o fato de terem contratado a mesma editora. Portanto, ou foram descobertos e contatados pelos agentes da casa editorial, ou, por vontade própria, buscaram a Hoffmann und Campe para imprimir os seus rascunhos. Ambos descrevem o Brasil, certamente com objetivos distintos, desenhando e colorindo o novo império para seus contemporâneos europeus. Através deles, alemães e leitores de outras paragens conheceram a realidade brasileira oitocentista. Os leitores de Weech talvez tenham sido motivados a empreender na América; os leitores de Bösche, é praticamente certo, riram com suas anedotas, mas, também, desistiram da ideia de emigrar para aquele lugar que carecia de melhor organização político-sócio-econômica.

Deste modo, os livros escritos por Weech e Bösche permitem a comparação. Mediante o uso dessa metodologia, rompe-se com o estudo pontual de uma única obra. Jürgen Kocka bate de frente com os resultados dos estudos pontuais e defende o método comparativo. Segundo Kocka, "as comparações ajudam a criar um clima de história investigativa menos provinciana". (2014, p. 279). Portanto, a análise é

¹³ Sobre os imigrantes que retornam as suas terras de origem, ver os trabalhos de Elda Evangelina González Martínez, do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, que estuda o caso dos espanhóis e sua relação com a América Latina. Para maiores detalhes, ver: GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda Evangelina, "Los nuevos protagonistas del retorno. América Latina y España en el nuevo milênio", in RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz et al (dir.), *História da imigração: possibilidades e escrita*, São Leopoldo, UNISINOS, Oikos, 2013, p. 17-46.

enriquecida quando dois ou mais objetos são colocados frente a frente para a realização da comparação. A leitura isolada de Weech e Bösche desenharia um Brasil promissor ou anárquico. O leitor de “A agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil” poderia ser facilmente seduzido a investir no Brasil caso não tomasse conhecimento das palavras queixosas e ácidas de Bösche. A recíproca, neste caso, é verdadeira. O leitor de “Quadros alternados” poderia ficar com uma imagem altamente negativa no que tange às terras brasílicas, se os seus olhos deixassem de absorver as dicas e informações de Weech quanto aos investimentos econômicos possíveis no Brasil.

Com o trocadilho acima quer se frisar a importância da comparação. Sem aproximar as duas obras, não seria viável abordar a história do império brasileiro tendo como fonte os escritos de dois estrangeiros que vieram para o Brasil na segunda década do Oitocentos. Não obstante esse ganho – o de comparar as narrativas –, o presente texto não contempla o momento pós-publicação, isto é, a recepção e o impacto das obras na vida dos alemães citadinos e/ou rurais. Esta pesquisa urge a fim de que se tenha maior clareza do alcance dos relatos de viagem. Sabe-se que as editoras publicavam as narrativas dos viajantes que tomaram a América como *locus* de investigação; tem-se conhecimento de que a população urbana e a camponesa acessavam tais relatos, seja na forma de livros ou de fascículos veiculados nos jornais da época. Mediante essas duas constatações, segue a premência de se investigar de que modo Weech e Bösche influenciaram a decisão dos alemães quanto à emigração ao longo do Oitocentos.

Por último, a leitura e análise das obras de Weech e Bösche complexificaram o que se entende por relato de viagem. Dificilmente, seriam classificadas em apenas uma vertente do conhecimento. Vastas e complexas, servem à História e à Literatura; são importantes para a Botânica e à Geografia; acrescentam dados para a Economia e às Ciências Sociais; trazem à tona aspectos das Artes e da Linguística. A lista e as combinações seriam quase infindáveis, pois pesquisadores de inúmeras áreas tomam os relatos de viagem como objeto de investigação. Freitag define, assim, estas múltiplas possibilidades dos relatos:

Estes queriam ser, ao mesmo tempo, *pesquisa científica* no estilo da Encyclopédie de Diderot, *literatura de viagem* como as Aventuras de Robinson Crusoe de Defoe, *obra de arte* como os melhores quadros de Nicolas-Antoine Taunay ou Jean Baptiste Debret, e para completar o cenário teatral do Novo Mundo, a *música clássica* de um Neukomm, lembrando que von Martius gravou em seu diário um anexo musical contendo danças e músicas dos índios do rio Negro da Amazônia. (*apud* SALLAS, 2013, p. 10).

As palavras de Freitag expressam a complexidade dos relatos de viagem. Todas as expressões artísticas apresentadas pela autora, com maior ou menor potência, se encontram nas obras de Weech e Bösche, cuja relevância histórica se justifica pela construção e impacto de certa imagem do Brasil¹⁴.

REFERÊNCIAS

ALVES, Débora Bendocchi; KLUG, João; WITT, Marcos Antônio (org.). **Friedrich von Weech: a agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil**. 2. edição revista e ampliada. São Leopoldo: UNISINOS; Oikos, 2017.

ALVES, Débora Bendocchi. "Apresentação da 1ª. edição brasileira". *In*: ALVES, Débora Bendocchi; KLUG, João; WITT, Marcos Antônio (dir.). **Friedrich von Weech: a agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil**, 2. edição revista e ampliada, São Leopoldo, UNISINOS, Oikos, 2017, p. 25-49.

BÖSCHE, Eduard Theodor. "Quadros alternados". *In*: MARTINS, Maria Cristina Bohn; WITT, Marcos Antônio; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. (org.). **Quadros alternados de E. T. Bösche: imigrantes e soldados no Rio de Janeiro – 1825-1834**. São Leopoldo: UNISINOS; Oikos, 2014, p. 74-233.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

DARNTON, Robert. **Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DARNTON, Robert. **O diabo na água benta ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século XVII ao XIX). *In*: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa (dir.). **Colônia**. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 273-307.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

¹⁴ Esta assertiva é ratificada por Jean Marcel Carvalho França, o qual afirma que "as narrativas de viagem ocuparam um papel central na construção intelectual [...] daqueles novos mundos que a expansão marítima integrava ao Velho Mundo. Em relação ao Brasil, [...] as imagens do país que circularam pela Europa durante três séculos saíram quase exclusivamente das narrativas de viagem legadas por estrangeiros" (2012, p. 284).

FREITAG, Barbara. Prefácio. *In*: SALLAS, Ana Luisa Fayet. **Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX**. Curitiba: Ed. UFPR, 2013, p. 7-10.

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda Evangelina. Los nuevos protagonistas del retorno. América Latina y España en el nuevo milênio. *In*: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz *et al.* (org.). **História da imigração: possibilidades e escrita**. São Leopoldo: UNISINOS; Oikos, 2013, p. 17-46.

KOCKA, Jürgen. Para além da comparação. **Esboços**, vol. 21, n. 31, ago. 2014, p. 279-286.

MARTINS, Maria Cristina Bohn; WITT, Marcos Antônio; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. (org.). **Quadros alternados de E. T. Bösche: imigrantes e soldados no Rio de Janeiro – 1825-1834**. São Leopoldo: UNISINOS; Oikos, 2014.

NEUMANN, Gerson Roberto. Apresentação. *In*: MARTINS, Maria Cristina Bohn; WITT, Marcos Antônio; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. (org.). **Quadros alternados de E. T. Bösche: imigrantes e soldados no Rio de Janeiro – 1825-1834**. São Leopoldo: UNISINOS, Oikos, 2014, p. 7-12.

OBERMEIER, Franz. A obra de viagem de Spix e Martius em adaptações para leitores juvenis no século XIX. *In*: **Martius-Staden Jahrbuch**, n. 62, São Leopoldo, Oikos, 2018, p. 213-227.

PÁDUA, José Augusto. Martius e a construção do território brasileiro. *In*: **Martius-Staden Jahrbuch**, n. 62, São Leopoldo, Oikos, 2018, p. 56-68.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. **Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX**. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Cultura. *In*: COSTA E SILVA, Alberto da. (org.). **Crise colonial e independência: 1808-1830**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 205-247.

WEECH, Friedrich von. A agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil. *In*: ALVES, Débora Bendocchi; KLUG, João; WITT, Marcos Antônio (org.). **Friedrich von Weech: a agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil**. 2. edição revista e ampliada. São Leopoldo: UNISINOS, Oikos, 2017, p. 51-247.

WITT, Marcos Antônio. Emigración y colonización en América del sur. La provincia brasileña de Rio Grande do Sul, la República Oriental del Uruguay y la Cuenca del Plata en las consideraciones de Arsène Isabelle. *In*: REGUERA, Andrea; FLECK, Eliane Cristina Deckmann (org.). **Variaciones en la comparación:**

procesos, instituciones y memorias en la historia de Brasil, Uruguay y Argentina, s. XVIII-XXI. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2014, p. 143-175.

WITT, Marcos Antônio. Metamorfose paisagística: o visto e o não visto nos relatos de Saint-Hilaire e de Seidler (Rio Grande do Sul – século XIX). **Confluente**. vol. 4, n. 1, 2012, p. 92-101.